

A ARTE CRISTÃ E A FIGURA DE CRISTO

Christian art and Christ's figure

Rosemeire Magalhães Santos Félix¹

Cristiane Mazzini Medeiros¹

Resumo: O surgimento do cristianismo ocorreu no Império Romano e Jesus Cristo é o personagem central desta religião. A princípio o cristianismo foi ignorado por historiadores e pela alta sociedade romana, considerado apenas uma seita. Ao perceberem a influência e o crescimento do cristianismo, historiadores passaram a fazer registros sobre Jesus Cristo e seus seguidores. Em contrapartida os próprios judeus e os romanos viram em Cristo e seus seguidores uma ameaça às suas crenças, cultura e poder. A história registra então um longo período de perseguição aos cristãos, o que impediu que desenvolvessem uma arte sólida. Ainda assim, eles deixaram como legado a Arte Catacumbária e ao cessarem as perseguições um legado rico tanto na Arquitetura como nas produções artísticas. Paralelamente notamos uma busca pela retratação da imagem de Cristo, sempre tentando traduzir nela o seu caráter.

Palavras-chave: Jesus Cristo. História. Arte Cristã.

Abstract: The emergence of Christianity occurred in the Roman Empire and Jesus Christ is the central character of this religion. In the beginning Christianity has been ignored by historians and the high Roman society, considered just a cult. Realizing the influence and growth of Christianity, historians began to make records about Jesus Christ and his followers. In contrast the Jews themselves and the Romans saw in Christ and his followers a menace to their beliefs, culture and power. The story then registers a long period of persecution of Christians, which prevented these from developing a solid art. Still, they have left as a legacy to Catacumbária Art and ceased the persecution a rich legacy, both in architecture and in artistic productions. In parallel we note a search for retraction image of Christ, always trying to translate in it his character.

Keywords: Jesus Christ. History. Christian art.

Introdução

A arte cristã tem como elemento central a figura de Jesus Cristo, seus ensinamentos e a religião deixada por ele, o cristianismo. Em seu início, a Arte Cristã se mostrou simples, sem expressão e até mesmo pobre. Seus artistas eram pessoas comuns, iletradas, que tinham como preocupação principal preservar a vida. Tudo isso deveu-se ao fato das grandes perseguições sofridas pelos cristãos durante o Império Romano. Jesus, ao iniciar seu ministério, não despertou interesse das autoridades de Roma, mas em apenas três anos e meio, agregou tantos seguidores, que por fim passou a ser uma ameaça. Primeiro aos próprios judeus que, embora aguardassem o Messias, não viam em Cristo as características de um libertador que os tiraria do jugo romano. Depois, para os próprios romanos, que viram na pregação e na pessoa de Jesus um anarquista que dissuadia seus seguidores, de tal forma que estes se dispunham a morrer pela nova fé que haviam abraçado.

Diante deste quadro, o próprio Jesus foi perseguido e por fim morto; conseqüentemente muitos de seus seguidores perderam a vida em nome da nova fé. Depois, seus discípulos e demais seguidores abraçaram a tarefa de disseminar seus ensinamentos. Tal período foi sangrento, pois os cristãos foram assassinados às centenas.

Em um momento onde a preservação da vida era algo tão supremo, não se achou entre

¹Centro Universitário Leonardo Da Vinci – UNIASSELVI – Rodovia BR 470 – km 71 – nº 1.040 – Bairro Benedito – Caixa Postal 191 – 89130-000 – Indaial/SC Fone (47) 3281-9000 – Fax (47) 3281-9090 – Site: <www.uniasselvi.com.br>.

as produções artísticas cristãs uma arte desenvolvida e refinada. Seu legado se concentra em figuras, imagens e símbolos agregados da própria cultura pagã, mas que tinham semelhança com elementos da sua fé. Toda a produção artística deste período ficou conhecida como Arte Catacumbária, pois eram produzidas nas paredes das catacumbas de Roma, que serviam tanto para sepultar os mortos, como de esconderijo e lugar de culto para os cristãos primitivos.

A arte cristã terá seu apogeu apenas depois que Constantino se declara cristão e, então, os seguidores dessa nova fé se acham livres para cultivar nas igrejas. Deste ponto em diante, tanto na arquitetura como nas demais produções artísticas, encontrar-se-á uma arte rica em detalhes e sempre pontuada pela preocupação em mostrar Jesus Cristo, a figura central do cristianismo. Neste trabalho abordaremos estas questões históricas, bem como duas representações da figura de Cristo relacionadas com este período: o Cristo imberbe e o Pantocrátor.

O surgimento do cristianismo

O cristianismo surgiu na Judeia, região chamada Palestina, pelos romanos. Nesta região habitavam os descendentes dos hebreus ou judeus, que desde o ano 63 a.C. estavam sob o domínio de Roma. O nascimento de Jesus Cristo é considerado o marco da origem do cristianismo. Segundo a Bíblia, a disseminação da nova religião deveu-se às pregações realizadas por João Batista, depois pelo próprio Jesus Cristo e, após sua morte e ascensão, pelos seus apóstolos. Estes últimos foram os responsáveis pela disseminação do cristianismo para outros povos.

A Bíblia Sagrada é considerada o livro base e central das crenças fundamentais desta religião. O cristianismo, ao contrário das crenças que existiam na época de seu surgimento, defendia uma fé monoteísta – apenas um deus, a crença na criação, na divina Trindade e em todos os ensinamentos de Jesus Cristo. Este personagem do cristianismo é tema de muitas pesquisas e tudo que diz respeito a sua vida e ministério desperta interesse acadêmico, científico etc. De fato, sua passagem pelo planeta alterou a história. Segundo Kennedy e Newcombe (2003, p. 14), Jesus tocou no tempo:

Alguém disse que ele mudou o curso do rio da vida e tirou os séculos dos eixos. Agora, o mundo todo conta seu tempo como a.C. (antes de Cristo) e d.C. (depois de Cristo). Infelizmente, hoje em dia, nossa geração sem cultura nem mesmo sabe que anno Domini (A.D.) significa ‘O ano do Senhor’.

Embora o cristianismo, doutrina ensinada por Jesus Cristo, mostrasse um movimento aparentemente sem futuro, seu crescimento despertou a atenção de escritores pagãos que começaram a dar atenção ao seu fundador, Jesus de Nazaré. Stein (2006, p. 30) aponta fontes importantes, que são base até os dias atuais, para o estudo sobre a vida de Jesus. “As principais fontes pagãs disponíveis para o estudo da vida de Jesus são Plínio, o Moço, Tácito e Suetônio. Fontes de menor importância são Mar Bar-Serapião e Júlio Africano”. Além das fontes pagãs existem as judaicas, as principais são: Flávio Joséfo e escritos rabínicos como o Talmude, a Mishná e a Guemará. De acordo com Stein, o Talmude faz diversas referências a Jesus. Entre as fontes cristãs que falam sobre Jesus podemos citar os quatro evangelhos, chamados de fontes bíblicas e, os evangelhos apócrifos que não foram aceitos no cânon bíblico.

Cristianismo perseguido

O inesperado avanço do cristianismo, associado à disseminação de que a nova religião prometia um rei, salvador ou libertador, despertou a preocupação política dos romanos e tam

bém dos judeus, que embora aguardassem o Messias, não aceitaram associar Jesus Cristo ao Messias esperado, o libertador que aguardavam. Dessa forma os próprios judeus iniciaram o processo de acusação de Jesus, que culminou com sua condenação por Roma e, ao final, sua crucificação. Conforme afirma White (2011, p. 95):

Após ter sido condenado pelos juízes do Sinédrio, Cristo foi levado à presença de Pilatos, governador romano, para que a sentença fosse confirmada e executada. Os sacerdotes judeus não podiam entrar na sala de julgamento de Pilatos. De acordo com as leis cerimoniais, tal ato os tornava imundos e os excluía da participação da festa da páscoa. Em sua cegueira, não viam que Cristo era o verdadeiro Cordeiro da Páscoa e que ao rejeitá-lo, a grande festa havia perdido seu significado. Seus acusadores, que não desejavam entrar em pormenores, não estavam preparados para esta pergunta. Sabiam que não possuíam nenhuma evidência confiável para que o governador romano condenasse Jesus. Então suscitaram contra Ele falsas testemunhas que disseram: ‘Encontramos este homem pervertendo nossa nação, vedando pagar tributo a César e afirmando ser Ele o Cristo, o Rei’ (Lucas 23: 2).

Após a morte de Cristo a perseguição aos cristãos tornou-se mais intensa. O cristianismo era visto por Roma como uma seita. Os primeiros casos de perseguição aos cristãos registrados na história remontam ao período do governo de Nero. Após o incêndio ocorrido em Roma no ano 64, Nero culpou os cristãos pelo incêndio, se voltou contra eles praticando toda sorte de desumanidades e crueldades possíveis. Segundo Kennedy e Newcombe (2003, p. 209), Nero matou a esposa, a própria mãe, e depois a amante que estava grávida, já nos dias de dar à luz. “Lembre-se que este era o governante do mundo naquela época! Foi realmente um tempo cruel”.

As perseguições seguiram sob o governo de Maximino, depois de Décio quando ocorreram grandes carnificinas de cristãos. Ocorreram ainda nos governos de Valeriano, Diocleciano, Valério, Geta e continuou, até que em 313, Constantino I chegou ao poder e legalizou a religião cristã, através do Édito de Milão. Mas foi somente no final do quarto século, no governo de Teodósio, que o cristianismo se tornou a religião oficial do Império Romano.

Devido a um período tão longo e intenso de perseguição, a Arte Cristã se apresentou de maneira pobre e quase escassa, pois a prioridade dos cristãos era preservar sua vida e disseminar a fé, não tendo espaço o desenvolvimento artístico. Tem-se registro de poucas obras neste período, segundo Kennedy e Newcombe (2003, p. 226), “O acervo de arte cristã que se conserva deste período é principalmente o que foi encontrado nas catacumbas”.

Arquitetura pós legalização do cristianismo

Após Constantino ter-se declarado cristão, ocorreu a transferência da capital de Roma para Bizâncio, posteriormente conhecida como Constantinopla (atualmente Istambul, atual Turquia). A partir de então, o estilo da Arte Bizantina começou a se desenvolver. Segundo Kennedy e Newcombe (2003), a arquitetura eclesiástica floresceu, pois, muitas igrejas foram doadas aos cristãos, que agora livres, podiam realizar seus cultos.

Após o cristianismo ter sido legalizado, muitas grandes basílicas foram erguidas, embora os mais gloriosos monumentos para a glória de Deus tenham sido construídos no nosso milênio. Os artesãos que habilmente construíram as primeiras igrejas, tinham a capacidade de criar, nas palavras do historiador de arte H. W. Janson, ‘um cintilante reino de luz, onde mármore preciosos e mosaicos deslumbrantes evocam o sobrena

A arte cristã, que antes se escondia nas catacumbas, que além de cemitérios serviam como esconderijos subterrâneos, e tinham como artesãos, cristãos simples que lutavam para preservar sua vida e o direito de praticar a fé, agora surge vibrante e impressionante, através da arquitetura das igrejas e de obras que decoravam internamente estes edifícios.

Depois dos éditos de tolerância dos anos 312 e 313 a arte cristã tomou extraordinário impulso por toda a extensão das terras romanas, no Egito e na África do Norte, na Síria e no interior da Ásia Menor. Na Macedônia bem como na pátria grega e na Itália ergueram-se então as igrejas cristãs, sob a forma da basílica ou de construção de simetria central. (LEICHT, 1967, p. 293).

A arquitetura eclesiástica superou em beleza e grandiosidade o templo grego, que servia apenas para observação externa e morada dos deuses. Já as construções cristãs tinham como foco o ajuntamento dos adoradores de Deus. Esse foco diferenciado inspirou a construção de gloriosos monumentos, o que perdurou pelo período Gótico até o Renascimento. Kennedy e Newcombe (2003, p. 227) pontuam que: “As grandes catedrais pré-góticas, góticas e pós-góticas da Idade Média estão entre as maiores obras de arte já produzidas. Elas foram maravilhosas realizações em pedra e vidro e continuam admiráveis nos dias de hoje”.

As grandes catedrais construídas neste período, como a catedral de Notre Dame em Paris e outras catedrais europeias, por exemplo, continuam sendo fonte de admiração do ponto de vista artístico e arquitetônico.

Produção artística pós Edito Constantino e a figura de Cristo

Enquanto praticavam sua fé secretamente, os cristãos desenvolveram códigos e sinais secretos para que pudessem identificar os integrantes de sua fé, bem como manterem-se supostamente protegidos dos perseguidores. Para tanto se apropriaram de símbolos pagãos, comuns na época, mas que tinham semelhanças e referências com suas crenças, para assim identificar elementos da sua doutrina. Entre estes símbolos encontram-se a Pomba, o Peixe, o Cordeiro, o Pavão, a Fênix, a Âncora e até mesmo a Cruz. A cruz, que hoje é um símbolo cheio de significado para os cristãos, foi por muito tempo evitada como símbolo pelos cristãos primitivos. Segundo Trevisan (2006, p. 34), “A Igreja, porém, não permitia que fosse figurada. Não convinha expor à zombaria dos infiéis a figura de Cristo Crucificado, e do instrumento do seu suplício”. Com o passar do tempo as imagens da cruz sem vítima, foram se tornando mais frequentes, pois para os primeiros cristãos a cruz não simbolizava vergonha, mas um troféu, um símbolo da vitória de Cristo sobre a morte. Estes e outros símbolos estavam muito presentes na primeira fase da Arte Cristã, chamada de catacumbária. Era uma arte autodidata, simples, em sua maioria figurativa e ornamental, usada principalmente com fim de ornamentar as catacumbas onde sepultavam seus mortos. Toda esta produção artística, por mais simples que parecesse, influenciou toda a iconografia e a Arte Cristã após a conversão do imperador Constantino e a oficialização do cristianismo como religião romana.

Nesta primeira fase da Arte Cristã, mais ligada aos símbolos, o rosto de Jesus era figurado como Cristo imberbe, jovem, sem barba, cabelos curtos. Talvez, ainda sob a influência da Arte Grega, que representava seus deuses com estas características (Figura 2) e, ainda, tomando posse de símbolos pagãos como o Bom Pastor que foi utilizado para representar Jesus (Figura 1).

Figura 1. Cristo na figura do bom pastor - imagem comum em várias catacumbas cristãs.



Fonte: Disponível em: <<https://sites.google.com/site/terradeimaculada/estudos-teologicos/iconografia/arte-sacra/material-arte-sacra>>. Acesso em: 9 jul. 2015.

Figura 2. A ressurreição de Lázaro – pintura sobre reboco, séc. III - catacumba de São Pedro, Roma



Fonte: Disponível em: <<https://sites.google.com/site/terradeimaculada/estudos-teologicos/iconografia/arte-sacra/material-arte-sacra>>. Acesso em: 9 jul. 15.

Já no século IV, após a descoberta do Sudário de Turim, Jesus passa a ser representado com barba e cabelos mais longos, com traços faciais que se assemelhavam aos semitas, grupo racial ao qual ele fazia parte. Surge então a imagem do Cristo "Pantocrátor". A palavra deriva do grego e quer dizer "Todo-Poderoso" ou "Onipotente". No período bizantino, o Pantocrátor denotava a imagem de Jesus como um ser invencível. Essa representação também se assemelhava com as que os artistas faziam dos próprios imperadores bizantinos, com o objetivo de atribuir a eles o poder e a invencibilidade. A imagem mais antiga que a história registra do Cristo Pantocrátor é a que se encontra na Igreja de Santa Catarina (Figura 3). Sobre o Cristo Pantocrátor Gharib (1997, p. 92) afirma:

O tipo iconográfico de Cristo Pantocrátor é um dos mais significativos da iconografia oriental, e também o mais difundido, a ponto de se tornar quase o único tipo de Cristo que se encontra não só nas cúpulas e nas absides das igrejas, mas também sobre selos, moedas, marfins, evangeliários e outros objetos litúrgicos; é encontrado nas cenas históricas que representam Cristo nos diversos momentos da sua vida de adulto, nos diversos milagres que constelam a sua missão na Palestina da época; [...]. Quer esteja presente em mosaico, em afresco ou em ícones grandes ou pequenos, o tipo transmite, ao menos do século VI em diante, a mesma e idêntica figura de Cristo, reconhecível mesmo quando faltam as inscrições que normalmente devem acompanhá-la; e isso até os nossos dias. [...] O Cristo representado em todos os ícones é o Cristo adulto, com trinta anos de idade mais ou menos. Distingue-se pela mesma estatura do corpo, os mesmos traços somáticos – em especial os do rosto –, as mesmas roupas: todos esses traços que convergem num retrato ressaltam a sua figura histórica real; outros traços, como os símbolos e as inscrições, têm valor de retrato espiritual que põem em destaque a sua realidade de pessoa atualmente viva, transfigurada, divina e salvífica.

Figura 3. O mais antigo ícone conhecido do Cristo Pantocrátor – Monastério de Santa Catarina



Fonte: Disponível em: <<http://iconografiascristas.blogspot.com.br/2011/03/pantokrator-jesus-cristo.html>>. Acesso em: 9 jul. 2015.

Alguns historiadores discorrem que a imagem do rosto de Cristo Pantocrátor é muito semelhante a imagens do Mandylion, apenas com acréscimo de detalhes que enriqueceram seu significado e o aproximavam mais da realidade humana. Conforme explica Trevisan (2006, p. 49):

Embora os iconógrafos bizantinos insistam em que o rosto de Cristo dessas imagens é o mesmo do Mandylion, impresso numa toalha pelo próprio Cristo, não há dúvida de que os artistas das gerações posteriores lhe acrescentaram elementos que o tornaram menos esquemático, mais próximo da sua realidade física.

A partir do século IX, multiplicaram-se as imagens do Pantocrátor por várias igrejas, sempre com o objetivo de incutir no adorador uma imagem de um Deus ao mesmo tempo feroz e manso, divino e humano. Embora alguns historiadores defendam a ideia que esta imagem do Cristo passasse aos fiéis uma imagem de um Deus juiz, severo, outros defendem a posição que a evolução destas imagens mostra um Deus mais humanizado.

Do Pantocrátor até as obras renascentistas, a imagem de Cristo ainda passará por diversas mudanças. É notório que essas tentativas diferenciadas de representar Cristo estão sempre ligadas à necessidade de fazer dele um ser mais próximo da humanidade.

Considerações finais

Ao olharmos para a História da Arte e suas mais famosas obras, com certeza iremos encontrar entre elas, obras que retratam imagens e personagens do cristianismo. Dentre os personagens mais retratados está Jesus Cristo. Um ser divino e ao mesmo tempo humano, que inunda o imaginário artístico de suposições e buscas.

Infelizmente, o período em que deveriam ser encontradas maiores referências deste personagem: período paleocristão, é justamente o período em que a arte foi escassa. Impossibilitados de expressar sua fé através da arte, os cristãos primitivos lançaram mão de imagens já existentes e símbolos secretos, que remetiam a Jesus Cristo.

Após o período de perseguição, os artistas cristãos seguem o mesmo sentimento primitivo de representar Jesus Cristo e o cristianismo. Mas agora, através das suntuosas catedrais e de imagens que buscam retratar um Jesus humanizado. Acompanhar o desenvolvimento da Arte Cristã, principalmente da fase catacumbária até a bizantina, é ver uma explosão criativa que parecia estar aprisionada dentro dos artistas cristãos, e ver que até mesmo através da arte, buscaram mostrar um Jesus sempre pessoal e central na prática da sua fé.

Referências

GHARIB, Georges. **Os ícones de Cristo: história e culto**. Trad. José Raimundo Vidigal. São Paulo: Paulus, 1997.

KENNEDY, James; NEWCOMBE, Jerry. **E se Jesus não tivesse nascido?** São Paulo: Editora Vida, 2003.

LEICHT, Herman. **História Universal da Arte**. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1967.

STEIN, Robert. **A pessoa de Cristo – um panorama da vida e dos ensinamentos de Jesus**. São Paulo: Editora Vida, 2006.

TREVISAN, Armindo. **O rosto de Cristo – a formação do imaginário e da arte cristã.** Porto Alegre: Editora AGE, 2006.

WHITE, Ellen G. **A vida de Jesus.** Tatui, São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2011.

Artigo recebido em 15/06/15. Aceito em 17/08/15.